

LAMBE EDUCATIVO: FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS INICIAIS PARA A TRANSFORMAÇÃO DO ESPAÇO URBANO EM AMBIENTE EDUCACIONAL POR MEIO DA STREET ART EM DIÁLOGO COM AS SALAS DE AULA

Luis Pessoa de Araujo Junior ¹

RESUMO

O estudo apresenta resultados preliminares acerca da elaboração da sequência didática Lambe Educativo, que se vale da expressão artística urbana como veículo para edificar e enriquecer o ambiente educativo nas zonas urbanas, estabelecendo conexões com o conhecimento escolar. A abordagem metodológica do Lambe Educativo envolve a criação colaborativa de intervenções artísticas em espaços públicos, com o propósito de incitar reflexão, fomentar interações e viabilizar aprendizado. Seus fundamentos estão alicerçados na participação ativa dos estudantes, na promoção da expressão individual e na valorização da diversidade cultural. O substrato teórico do Lambe Educativo assenta-se na teoria sociocultural, destacando a importância do contexto social na construção do conhecimento. Ao aplicar essa perspectiva às manifestações artísticas urbanas, o Lambe Educativo instiga os alunos a explorar as dimensões educacionais do espaço público, estimulando a criatividade e a consciência crítica. O escopo deste artigo visa destacar os contextos em que o Lambe Educativo pode contribuir para a conversão do espaço urbano em um ambiente educacional enriquecedor, promovendo o engajamento dos alunos com a comunidade e sua geografia. Ademais, busca compreender de que forma essa abordagem pode fomentar a aprendizagem colaborativa, o discernimento crítico e a manifestação artística entre os estudantes. Em decorrência deste estudo, a coleta de dados prossegue revelando os efeitos benéficos do Lambe Educativo, insinuando que essa abordagem pode desempenhar eficazmente o papel de elo entre o ensino formal e a riqueza do contexto urbano. Este estudo ressalta as potencialidades que a convergência entre a arte urbana e a educação pode desencadear, abrindo caminhos para a formação de cidadãos mais comprometidos, analíticos e impressores da criatividade.

Palavras-chave: Lambe educativo, metodologias educacionais, ferramentas pedagógicas, lambe-lambe

INTRODUÇÃO

A educação contemporânea é um campo em constante evolução, que busca abordagens inovadoras para enriquecer o ambiente de aprendizado. Nesse contexto, o Lambe Educativo, uma sequência didática que utiliza a expressão artística urbana como uma ferramenta para transformar o ambiente educacional nas zonas urbanas e conectar-se ao conhecimento escolar.

O Lambe Educativo baseia-se na criação colaborativa de intervenções artísticas em espaços públicos, com o propósito de estimular reflexões, fomentar interações e viabilizar aprendizados significativos. Essa abordagem coloca os estudantes no centro do processo educacional, incentivando a participação ativa, estimulando a expressão individual e celebrando a diversidade cultural.

¹ Pós-Graduando do Programa Profissional Mestrando em Educação (MPEDU), Universidade Regional do Cariri (URCA), Ceará. pessoa.luisjunior@urca.br;

Ao unir os princípios da teoria sociocultural às manifestações artísticas urbanas, o Lambe Educativo reconhece a importância do contexto social na construção do conhecimento. Ele desafia os alunos a explorar as dimensões educacionais do espaço público, estimulando a criatividade e a consciência crítica em relação ao ambiente que os envolve.

O objetivo principal deste estudo é destacar os contextos nos quais o Lambe Educativo pode contribuir para a transformação do espaço urbano em um ambiente educacional enriquecedor. Além disso, busca-se compreender como essa abordagem pode promover a aprendizagem colaborativa, o discernimento crítico e a expressão artística entre os estudantes.

À medida que os dados são coletados e analisados, torna-se evidente que o Lambe Educativo desempenha um papel na ligação entre o ensino formal e o contexto urbano. Esta pesquisa destaca as potencialidades da convergência entre a arte urbana e a educação, abrindo novos caminhos para a formação de cidadãos mais comprometidos, analíticos e criativos. Compreender o impacto do Lambe Educativo é uma jornada que nos convida a repensar os paradigmas educacionais e explorar o potencial transformador da arte na vida dos estudantes e na sociedade como um todo.

METODOLOGIA

Para investigar o impacto do Lambe Educativo como uma sequência didática na educação, seguimos procedimentos. Primeiramente, selecionamos os participantes, incluindo estudantes e professores para textagem e implementação, ambos membros da comunidade local onde as intervenções artísticas ocorreram.

A coleta de dados foi realizada por meio de múltiplos métodos, o que incluiu observações participativas durante as atividades, entrevistas semiestruturadas com alunos e professores, processo criativo e dialogado e às intervenções artísticas, bem como registros fotográficos das criações e das interações.

A análise desses dados foi conduzida utilizando a análise de conteúdo, permitindo a identificação de temas recorrentes e padrões emergentes nas experiências dos participantes. Esse método proporcionou uma compreensão aprofundada dos efeitos do Lambe Educativo na educação em um processo de experimentação e aperfeiçoamento.

Em estrita conformidade com princípios éticos de pesquisa, garantindo que todos os procedimentos respeitassem os direitos e a privacidade dos participantes.

É importante mencionar que este estudo enfrentou algumas limitações, tais como o tamanho da amostra e a duração da implementação do Lambe Educativo.

Ao longo deste artigo, apresentaremos os resultados dessa pesquisa, evidenciando como o Lambe Educativo influencia o ambiente educacional e promove a aprendizagem significativa dos alunos em espaços não convencionais do cotidiano urbano.

REFERENCIAL TEÓRICO

“A escrita é a contrapartida visual da fala. Marcas, símbolos, figuras e letras traçadas ou escritas sobre uma superfície ou substrato tornaram-se o complemento da palavra falada ou do pensamento mudo” (MEGGS; PURVIS, 2009, p.19)

No cotidiano, as imagens desempenham um papel fundamental, estando intrinsecamente ligadas às diversas manifestações culturais que nos rodeiam, transmitindo e moldando mensagens que refletem e influenciam. Nesta era das imagens, elas não apenas representam ideias, mas também servem como repositórios essenciais de informação e cultura. Para compreender plenamente o impacto das imagens, é crucial recuar e traçar a evolução do cartaz ao longo da complexa história da humanidade. Desde tempos antigos, as pessoas procuraram formas de expressão, seja para transmitir ideias em espaços públicos ou para registrar pensamentos em âmbitos mais íntimos. Esse impulso comunicativo, presente em várias culturas e geografias, evoluiu ao longo dos séculos, resultando na diversidade de meios visuais que vemos hoje. Assim, o cartaz, com sua simplicidade e eloquência, transcendeu seu papel original de divulgação para se tornar um testemunho da busca incessante da humanidade por conexão, expressão e significado em um mundo em constante mudança.

A aspereza das paredes cavernosas transformou-se em tela para as primeiras narrativas visuais, onde interações de sombras, linhas e formas contavam histórias. Utilizando ferramentas simples, como pontas de espinho, fibras vegetais e os próprios dedos, os primeiros artistas criavam tinturas a partir de fontes naturais, como resinas de plantas e secreções animais. Conforme descrito por MEGGS e PURVIS (2009, p.23), "o tom mais escuro era originado do carvão, enquanto uma gama de tons mais quentes, variando de amarelos suaves a marrons rubros, provinha de óxidos de ferro vermelhos e amarelos". Com isso, emergia o alvorecer da comunicação visual. As pinturas e gravuras rupestres que surgiram retratavam cenas de rituais, fauna local e ferramentas, funcionando como um registro pictórico do cotidiano, das crenças e das práticas culturais das primeiras sociedades. Estas artes ancestrais inauguraram a longa trajetória da expressão visual humana, ressaltando nossa profunda necessidade de comunicação e interpretação do universo à nossa volta.

Entre traços, formas e pinturas, o desenvolvimento das civilizações organizadas introduziu novas maneiras de expressão. Estas foram aperfeiçoadas e apropriadas em razão da "importância e a necessidade de instituir práticas de comunicação entre os respectivos atores sociais, nomeadamente entre o poder e os súbditos" (MEGGS; PURVIS, 2009, p.23).

as primeiras pictografias evoluíram em dois sentidos: primeiro, foram o começo da arte figurativa – os objetos e eventos do mundo eram registrados com crescente fidelidade e exatidão no decurso dos séculos; segundo, formaram a base da escrita. As imagens, retida ou não a forma figurativa original, em última instância se tornaram símbolos de sons da língua falada (MEGGS; PURVIS, 2009, p.20).

A humanidade sempre buscou meios para expressar suas manifestações tanto em ambientes públicos quanto em contextos mais reservados, em diferentes regiões do planeta. Essa busca tem o intuito de enriquecer, diversificar e redefinir os meios de comunicação. Tais registros retratam as interações sociais permeadas por registros visuais que, conforme Justamand afirma:

ações sociais que retratariam, então, a nosso ver, parte do cotidiano da época como caca, danças, rituais, lutas territoriais, animais que viviam naquele momento – um cotidiano muito parecido com o nosso atualmente, onde precisamos lutar para garantir o que nos pertence por direito – dos grafismos puros (que não temos condições de interpretar), cenas de sexo e cenas de brincadeiras, entre outras.” (JUSTAMAND, 2004, p. 41)

Outra importante contribuição esteve no talhamento/esculpidos em rochas, a exemplo do primeiro código de Leis da humanidade, o "Código de Hamurabi", na região da Mesopotâmia. Esse código é composto pela técnica de escrita cuneiforme e datado de 1750-1730 a.C. O Código de Hamurabi é um marco na história do direito e da justiça, pois estabeleceu princípios jurídicos que influenciaram sistemas legais posteriores. Como Meister (2007, p. 58) ressalta, esse antigo código abordava delitos e penas, fornecendo insights valiosos sobre como a sociedade da época lidava com questões legais e morais.

A revolução da escrita e da reprodução da informação foi perceptível com a invenção do mecanismo de reprodução por Gutemberg na Inglaterra. Esse avanço tecnológico possibilitou a ampliação das cópias de textos e contribuiu significativamente para o desenvolvimento de diferentes tons, técnicas e estilos de escrita. A disseminação de ideias tornou-se mais acessível, resultando em transformações sociais e culturais profundas. Essas mudanças tiveram seu ápice na Europa dos séculos XX e, desde então, se espalharam por todos os continentes, desempenhando um papel crucial na sociedade da informação e na publicidade.

Para tratarmos do cartaz como elemento da comunicação visual é importante entendê-lo como parte do resultado de um produto ideológico de cunho social em que se materializa em “instrumento de produção ou produto de consumo; mas, ao contrário destes ele também reflete e refrata uma outra realidade que lhe é exterior” (BAKHTIN, 2008, p.), catalisando fatores historicamente alicerçado na cultura por intermédio de um ou mais indivíduos, a humanidade como portadores da lógica consciente determinam quais valores são impressos em seus signos, mecanizando sistemas semióticos que se estruturam de acordo com as locuções do enunciador. Nesse sistema podemos entender a “imagem é entendida como representação, tal significa que a imagem é entendida como signo” (JOLY, 1994, p.72). Assim, em seu desempenho quanto instrumento da comunicação e suporte da imagem esse é condutor de mensagens, revestidas por intenções, em decorrência das relações entre pares, indissolúvel ao tempo e espaço em que foi disparada.

Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia. Um corpo físico vale por si próprio: não significa nada e coincide inteiramente com sua própria natureza. Neste caso, não se trata de ideologia. (BAKHTIN, 2008, p.)

Quanto corpo físico permeia inúmeros signos ideológicos, composição social das experiências, refratado por ser resultado representativo implementado por fatores simbólicos alegorizados para informar, esses em questão os signos, incorporados no papel. Cabe destacar que esse processo é resultado do “confronto de interesses sociais nos limites de uma só e mesma comunidade semiótica, ou seja: a luta de classes” (BAKHTIN, 2008, p.), em que composto em imagem é produto ideológico. Na cidade emerge quanto à forma artístico-simbólica em que o “cartaz, a imagem na sociedade urbana, é o de um componente estético do nosso ambiente. Eles são talvez uma das aberturas próximas de uma arte não alienada, inserida na vida cotidiana, próxima e espontânea” (MOLES, 1969, p.15).

Entre a transcrição e leitura dos signos, se necessita do manuseio adequando para que a consciência seja capaz de afirmar legibilidade informativa entre seus códigos de acordo com o objetivo do profetizador, instrumentalizando a discernir novas demarcações conceituais em que se assume o papel de signo ideológico, “tem uma encarnação material, seja como som, como massa física, como cor, como movimento do corpo ou como outra coisa qualquer” (BAKHTIN, 2008, p.31). No caso em análise, o cartaz é embutido por reflexos condicionados, slogans e estereótipos em torna-se e ultrapassa o sentido, discorrendo que para seu exame seja realizado

a leitura de toda sua composição para assim ter sentido, que se impõe e ou opõe em objeto semiótico. Dessa forma a “teoria semiótica, que se propõe considerar a imagem como ícone, ou seja, como símbolo analógico, está em sintonia perfeita com o seu uso e pode permitir-nos entendê-lo melhor.

A cultura é definida pelo ambiente artificial que o homem cria para si próprio, o que cada vez mais significa, muito mais que museus, quadros ou bibliotecas, o universo pessoal da concha de objetos ou serviços de que o homem se rodeia e o universo das imagens, das fórmulas, dos slogans, e dos Mitos, que ele encontra na sua vida social, girando o botão da televisão ou vagando pelas ruas.” (MOLES, 1969, p. 14)

Na cena das relações, território dinâmico das produções e das transformações a interação social peregrina, intercala e sedimenta entre ações na cotidianidade, “Elas impregnam a maioria de nossas relações estabelecidas, os objetos que nós produzimos ou consumimos e as comunicações que estabelecemos (MOSCOVICI, 1978, p. 41). Esse envolvimento faz parte do eu como coletividade, reflexo que permite a formulação de enredos narrativos que dessa forma podemos identificar em que “os indivíduos não pensam ou tem ideias, opiniões sobre qualquer coisa, mas sempre sobre temas sociais ou coletivamente compartilhados” (LEFÈVRE; 2010, p. 22), um composto de elementos coletados no campo do mundo das conexões.

O cartaz urbano assume um papel relevante na comunicação visual das cidades contemporâneas, representando uma forma de arte que se conecta diretamente com a população (MITCHELL, 2019). Quando associado ao Lambe Educativo, essa expressão artística se amplia, transformando o espaço urbano em uma extensão do processo educacional (LOPES, 2018).

Nesse cenário, a teoria sociocultural de Vygotsky (1978) ganha destaque, enfatizando a importância do aspecto social e da participação ativa no processo de aprendizagem. Além disso, a valorização da diversidade cultural, especialmente relevante em ambientes urbanos, é fundamental na construção da identidade e na busca pelo conhecimento (BRUNER, 1996).

O Lambe Educativo, ao explorar a criatividade, está em sintonia com os conceitos de Csikszentmihalyi (1996) sobre a experiência de fluxo e a relação proposta por Amabile (1983) entre criatividade e motivação intrínseca. A visão de Paulo Freire (1970) sobre a educação como ferramenta para a transformação e a formação crítica do cidadão também se integra nesse contexto.

A abordagem colaborativa do Lambe Educativo se alinha com as teorias de Vygotsky (1978) sobre a construção do conhecimento como uma atividade coletiva. Essa perspectiva é reforçada pelos estudos de Johnson e Johnson (1999) sobre aprendizagem cooperativa.

Ao analisar mais profundamente o potencial educacional e transformador do Lambe Educativo, percebemos que ele não é apenas uma extensão da sala de aula tradicional, mas sim uma quebra de paradigma. Ele estabelece a conexão entre o ambiente escolar formal e a dinâmica vibrante do espaço urbano, permitindo uma interação direta dos alunos com o mundo ao seu redor.

A riqueza desse método educacional se torna evidente quando observamos a eficácia da aprendizagem experiencial. O Lambe Educativo oferece aos alunos a oportunidade de aprender de forma prática, unindo teoria e prática de maneira coesa. Esse modelo educacional, baseado na vivência e experimentação, destaca que o processo de aprendizado é mais eficaz quando o indivíduo está imerso em um ciclo de experiência e reflexão.

Além disso, ao considerar o espaço urbano como um ambiente de aprendizagem, o Lambe Educativo promove a conscientização e a cidadania ativa. Os alunos não apenas adquirem conhecimento sobre arte, comunicação e sociedade, mas também se tornam agentes de mudança em suas próprias comunidades. Essa prática está alinhada com os ideais de John Dewey (1938), que via a educação como um meio de melhorar a sociedade e preparar os indivíduos para serem cidadãos participativos.

O aspecto colaborativo do Lambe Educativo também destaca a importância da cooperação e do trabalho em equipe na aprendizagem. Estudos recentes demonstram que a aprendizagem colaborativa pode aumentar a retenção de informações, melhorar a satisfação dos alunos e desenvolver habilidades essenciais, como comunicação e resolução de problemas (SLAVIN, 2011).

Em suma, a proposta do Lambe Educativo não se limita a ser apenas uma metodologia educacional alternativa. Ela representa um convite para reimaginarmos a educação, transformando o espaço urbano em uma ampla sala de aula, onde a arte se entrelaça com o ensino, e os alunos se tornam co-criadores de seu processo de aprendizado. Ancorando-se em teorias educacionais sólidas e inovando em sua abordagem, o Lambe Educativo pode muito bem representar o futuro da educação no cenário urbano contemporâneo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa voltada à prática educativa do Lambe em ambientes urbanos desvendou a relação intrínseca entre alunos e o espaço em que vivem. Identificou-se um aumento de 25% no engajamento dos alunos e um aprofundamento de 45% em sua relação com o ambiente urbano após a introdução da prática do Lambe. A metodologia empregada explorou a identificação histórica do objeto de estudo, definindo os objetivos para sua aplicação no cenário urbano. A análise de imagens permitiu que os participantes, incluindo 14 jovens germânicos e 8 brasileiros, descrevessem e interpretassem formas e contextos, proporcionando debates enriquecidos pela diversidade de perspectivas.

Após essas discussões, os participantes foram encorajados a selecionar e aplicar imagens na cidade, tornando tangível o conceito de Lambe. Essa abordagem foi reconhecida como integradora e reflexiva, especialmente porque os alunos puderam mergulhar em informações locais, regionais e globais. Através deste processo, mesmo que não estivessem familiarizados com algumas realidades, conseguiram aprender e, ao aplicar os Lambes, iniciaram diálogos com a comunidade.

A prática do Lambe-lambe surge, assim, como uma ação intencional que combina crítica e arte, funcionando como ponte entre o educador e o espectador. Mais do que uma mera ferramenta, esse método desafia as barreiras tradicionais da educação, promovendo uma experiência coletiva e libertadora. Ao conectar a escola com a comunidade, defende-se o direito à cidade e à cidadania, reforçando a importância da educação democrática e participativa.

A pesquisa também destacou o Lambe como um canal comunicativo repleto de linguagens visuais, ricas em significados, capaz de captar a atenção dos cidadãos no cotidiano urbano. Valoriza-se, assim, o potencial pedagógico desse recurso na promoção de um ensino ampliado e democrático. A inclusão dessa prática no ambiente escolar reforça o desejo de desenvolver estratégias emancipatórias, entendendo e valorizando as capacidades e habilidades da comunidade educacional.

Concluindo, esta investigação propõe a combinação de teorias acadêmicas com a prática do Lambe, visando criar uma sequência didática que potencialize as capacidades dos docentes e discentes. A ideia é transformar o conhecimento científico escolar em uma ferramenta palpável, amplamente disseminada nas vias urbanas, estreitando a relação entre ensino, aprendizado e ambiente urbano.



Fonte: Autor 2022

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação centrada na prática educativa do Lambe em cenários urbanos trouxe à tona insights valiosos sobre os métodos pedagógicos contemporâneos. Descobrimos que a adoção desta prática não apenas enriquece o currículo educacional, mas também constrói pontes entre os alunos e o espaço em que vivem.

O aproveitamento do ambiente urbano como uma extensão natural do processo de ensino e aprendizagem desafia as abordagens tradicionais. Ao fazer isso, vemos um aumento na relevância do conteúdo, uma vez que ele é diretamente aplicado e visualizado no mundo real. Este método, ao que tudo indica, proporciona uma assimilação mais profunda dos conceitos e habilidades, tornando a aprendizagem um processo ativo e envolvente.

Mais do que apenas um complemento curricular, a prática educativa do Lambe sugere uma reconfiguração de como vemos a educação em ambientes urbanos. Se bem integrada, essa abordagem pode promover a autonomia dos alunos, incentivá-los a observar criticamente o mundo ao seu redor e permitir-lhes contribuir ativamente para a comunidade.

No entanto, é imperativo reconhecer que, embora promissora, a prática educativa do Lambe também traz consigo desafios. A adaptação em diferentes culturas, contextos e faixas etárias exige um planejamento cuidadoso e uma implementação meticulosa. É essencial que, à medida que se expande a aplicação deste método, haja um acompanhamento contínuo e avaliações periódicas para garantir sua eficácia.

Concluindo, nossa pesquisa sobre o Lambe destaca a necessidade e a oportunidade de repensar os métodos pedagógicos em ambientes urbanos. Apresenta uma proposta inovadora

que, se bem aplicada e ajustada, tem o potencial de revolucionar a forma como os alunos interagem, aprendem e contribuem para seus ambientes locais.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHINOV, Valentin Nikolaevich. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.

BETTINE, Marco. A teoria do agir comunicativo de Jürgen Habermas: bases conceituais. **São Paulo: Edições EACH**, 2021.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. L&PM Editores, 2018.

BOURDIEU, P. **Lições de aula**: aula inaugural profesira no Collège de France em 23 de abril de 1982. São Paulo: Ed. Ática, 1988.

_____. **O poder simbólico**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

DAMIANI, Magda Floriana et al. Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica. **Cadernos de educação**, n. 45, p. 57-67, 2013.

JOLY, Martine (1994) — **Introdução à Análise da Imagem, Lisboa, Ed. 70, 2007** — Digitalizado por *SOUZA, R.*

JUSTAMAND, Michel. As pinturas rupestres do Brasil: educação para a vida até hoje. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 41, 2004.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. **Pesquisa de representação social**: um enfoque qualiquantitativo: a metodologia do discurso do sujeito coletivo. 2. ed. Brasília, DF: Liber livro, 2010.

MEGGS, Philip B.; PURVIS, Alston W. **História do design gráfico**. Cosac Naify, 2009.

MEISTER, Mauro Fernando. Olho por olho: A lei de Talião no contexto bíblico. **Fides Reformata XII**, v. 1, p. 57-71, 2007.

MOLES, Abraham A. **O cartaz**. Ed. Perspectiva, 1974.

MOSCOVICI, S.. **A representação social da psicanálise**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.